

**FALE COM A GENTE!**

Editor Ronaldo Abreu Vaio  
E-mail galeria@atribuna.com.br  
Telefone 2102-7154

**Quem tem medo de bicho papão?**  
O cartunista Ricardo Jottas lança hoje, às 19 horas, no Instagram da editora Miolo Mole, o livro *Lourenço, Quase um Bicho Papão*, escrito e ilustrado por ele.

# GALERIA

ENTREVISTA

## Luan Cardoso. Cineasta

# “Faço cinema com pouco porque é o que tem”

**PALAVRA DO EDITOR**

Apesar das dificuldades históricas de se fazer audiovisual no Brasil, agravadas com o policiamento político nas artes, ainda tão jovem, Luan Cardoso é inspiração a quem deseja trilhar o caminho do cinema.

BIA VIANA  
DA REDAÇÃO

*A brincadeira de fazer cinema na escola, aos 15 anos, não parecia ser um caminho possível para Luan Cardoso. Nascido em Guarulhos e criado entre a periferia de São Paulo, Cândido Salles (Bahia) e Maceió (Alagoas), o rapaz enfrentou com a família uma verdadeira luta por sobrevivência. Agora, aos 26 anos, o jovem vive da arte por meio de produções independentes e adota como missão de vida produzir cinema com pouco, contestando a premissa de que a arte exclui os menos favorecidos. Hoje, possui a própria produtora, a Quixó Produções. Recentemente, foi premiado em Portugal no Lisbon Cine Festival 2021 e no Athens International Monthly Art Film, na Grécia, com o primeiro longa de ficção, *Ménage*, de 2020.*

**Como foi o processo de criação de seus primeiros curtas, bem como o início da Quixó Produções?**

Começou em 2010 com o grupo de amigos que eu construí em São Paulo entre meu último ano no fundamental II, na periferia da Zona Norte, e o primeiro ano de Ensino Médio. Juntava a turma pra fazer os experimentos em curta-metragem. Quando eu menos esperava, já tinha uns cinco, seis amigos que não importava o que eu inventava de gravar, eles estavam junto. Nesses primeiros quatro anos de trabalho embrionário, criamos mais de 16 curtas e projetos, o que nos possibilitou ganhar nosso primeiro edital, o Programa VAI, da Prefeitura de São Paulo, em 2014.

**Como foi construindo sua rede de contatos?**

Essa minha rede de colaboradores e parceiros foi toda construída no afeto. Eu sempre fui abraçado e apoiado por diversas pessoas que me ensinaram e

acreditaram no meu potencial desde o princípio. Pessoas generosas que se dispuseram a me ouvir e, principalmente, a me contar. Se fosse pra destacar alguns desses encontros, falaria de o Hector Babenco, que foi muito atencioso quando o procurei dizendo que queria fazer cinema. Ele me ensinou a fazer arte com prazer e bom humor, a não me levar tão a sério; e teve o encontro com a Ana Souto, produtora e roteirista de quase tudo que eu rodei de 2015 pra cá.

**Você adota como missão o “produzir cinema com pouco”. Vê no cinema independente a acessibilidade e democratização do cinema nacional?**

Faço cinema com pouco porque é o que tem. Acredito que nada pode ser um empecilho para que contemos as nossas histórias, sem se submeter a estilos pré-concebidos por uma suposta “indústria do entretenimento”. Ouzaldo Candeias, Rogério Sganzerla também fizeram cinema com pouco, “cinema com fome”, como Glauber Rocha gostava de dizer, pois nunca tiveram uma situação ideal para se rodar no Brasil. O cinema independente nunca foi tão democrático e possível, tanto que cá estou eu, filho de um segurança e de uma costureira, que me tornei cineasta com uma câmera Mini DV e um computador montado de peças antigas. Meus pais foram ao cinema em toda a vida deles umas três vezes, só uma delas comigo, e isso não me torna menos qualificado pra fazer essa arte. Na verdade, me dá muito mais substrato de realidade pra fazer filmes que refletem nossas vidas, com o prisma que eu tenho, para as pessoas que eu conheço. Acho que a turma toda já tá cansada de se ver através de um espelho estranho, com uma língua, modos e energias diferentes da nossa; isso cria uma crise de identidade.

**Falando um pouco em *Ménage*, como foi a produção de seu primeiro longa-metragem?**

Estávamos desde 2015 querendo produzir um longa e não conseguíamos financiar nenhum projeto que estávamos desenvolvendo.



ANA ROVATI/DIVULGAÇÃO

“Acho que a turma tá cansada de se ver através de um espelho estrangeiro, com uma língua, modos e energias diferentes; isso cria uma crise de identidade”

**OBRAS**

- Lista de filmes do cineasta
- Cine Belas Artes - Consolação, 2.423 (2012)
- *Ménage* (2020)
- *Precárias e Resilientes* (2021)
- *Deságua* (2021)

Veja mais sobre cada filme em [www.tribuna.com.br](http://www.tribuna.com.br)

Eu tinha umas vinte páginas de um roteiro sem começo e fim, encontrei com o Lucca (Bertolini) no fim de 2016 e conversamos sobre a ideia de construir uma história em três atos que começaria com uma complicação em um motel, com três homens públicos. A partir dessa treta, exploráramos um pouco os medos e paranoias dessas figuras grotescas.

**Pode nos contar mais sobre novos projetos e expectativas para 2021?**

O lançamento do *Ménage* nas salas de cinema, no fim do ano, caso as vacin角度 avancem. Vai rolar também uma live que eu gravei com a Fafá de Belém, uma com o Douglas Germano em parceria com a Casa de Francisca e uma série com seis episódios investigando o samba do Rodrigo Campos, outra artista muito sensível. Além desses lançamentos, estamos em pleno desenvolvimento do projeto *Salmo 95*, um roteiro com a Ana Souto a ser estrelado por Lena Roque e Francisco Gaspar, e mais um tanto de outros projetos que sempre remexemos de tempos em tempos e avançamos mais.

**LEIA+**   
[atribuna.com.br](http://atribuna.com.br)